

80117 - Samora

SADCC2

O INIMIGO COMUM DA ÁFRICA AUSTRAL É O SUBDESENVOLVIMENTO EM QUE NOS ENCONTRAMOS

O Presidente do Partido FRELIMO e Presidente da República Popular de Moçambique, Samora Moisés Machel, abriu ontem, no Clube Militar, em Maputo, a segunda Conferência para a Coordenação do Desenvolvimento da África Austral (SADCC-2), com um importante discurso atentamente seguido por todos os presentes e no qual falou de vários assuntos ligados à estratégia adoptada pelos nove países desta região da África com vista a que possam, em conjunto, vencer o subdesenvolvimento em que vivem. Passamos a transcrever o texto do referido discurso:

Senhor Presidente,
Senhores Chefes das Delegações de Países
e Organizações Internacionais
Distintos Delegados

É com satisfação que a República Popular de Moçambique acolhe em Maputo a Segunda Conferência da Cooperação dos Países da África Austral.

Estão presentes nesta Conferência nove países em que os reflexos da dominação colonial ainda hoje se fazem sentir no seu atraso económico.

Nesta Conferência estão representantes dos cinco continentes, estão presentes países com diferentes graus de desenvolvimento, estão presentes organismos económicos e financeiros internacionais.

Todos, na diversidade dos sistemas económicos, procuram aqui estabelecer uma plataforma comum de acções concretas visando promover o desenvolvimento desta zona de África.

A todos os Delegados damos as boas vindas à República Popular de Moçambique.

No início desta Conferência, rendemos homenagem



«A realização de reuniões e conferências sobre a cooperação regional corresponde a uma fase qualitativamente nova na África Austral.» — Presidente Samora Machel

gem à memória de SIR SERETSE KHAMA, Presidente da República do Botswana, nosso querido amigo.

O Presidente rajoso pela libertação do seu povo e dos povos da África Austral. Com uma compreensão profunda da necessidade do combate pela independência económica, como factor essencial da libertação completa dos nossos Povos, o Presidente SERETSE KHAMA foi dinamizador consequente da batalha comum que é travada pelos nove países desta região.

Enalteçamos as acções desenvolvidas pela República do Botswana que, como país coordenador do Programa de Lusaka, não se poupou a esforços na criação de condições necessárias para o êxito dos trabalhos desta Conferência.

Senhor Presidente,

A realização de reuniões e conferências sobre a cooperação regional, corresponde a uma fase qualitativamente nova na África Austral. Ela resulta do desenvolvimento do processo da luta de libertação nacional na nossa zona, que já entrou na sua fase final. Além da libertação da Namíbia e da eliminação do apartheid na África do Sul, a questão essencial que se coloca agora é a do desenvolvimento acelerado dos países da África Austral, Desenvolvimento que permita a promoção do bem-estar material e social dos povos.

É neste contexto que a independência do Zimbabwe abriu perspectivas novas para a edificação da paz e da cooperação nesta região.

Para a instauração deste clima favorável contribuíram decisivamente a força, determinação e coesão dos Países da Linha da Frente que souberam assumir o combate para a libertação total da África Austral. Contribuiu também a solidariedade das forças progressistas e democráticas do mundo inteiro.

A vontade política que move os Países da Linha da Frente, a sua prática, a experiência acumulada durante estes anos, e, em particular, as acções concertadas e os sacrifícios consentidos constituem uma base de unidade que permite enfrentar com maior determinação o novo desafio que se apresenta aos nossos Povos, a luta pela libertação económica.

Na sua acção, os Países da Linha da Frente têm-se caracterizado por um funcionamento rápido e eficaz, sem uma institucionalização que desse origem a um aparelho pesado e dispendioso.

A independência do Zimbabwe e a unidade forjada na acção comum dos países da Linha da Frente permitiram criar as condições para que todos os paí-

ses da zona se juntassem no combate por um desenvolvimento regional harmonioso e independente.

Os nossos Nove Países, desde a Conferência de Lusaka, têm desenvolvido com sucesso um estilo flexível de trabalho, que pensamos dever ser mantido como característica da nossa cooperação.

No desenvolvimento da nossa cooperação, é decisivo prosseguir o combate para a eliminação dos últimos focos do colonialismo, do racismo e do apartheid que o regime sul africano persiste em manter na Namíbia e na África do Sul.

A libertação da Namíbia e da África do Sul constitui condição indispensável para a construção de um clima de paz e estabilidade duradouras, necessário à cooperação de todos os países da zona, sem excepção.

Senhor Presidente,

Nos nossos países encontramos a contradição gritante entre a dimensão dos recursos que possuímos e o atraso económico em que vivemos.

Os nossos países não são pobres. As suas riquezas têm sido mantidas em estado latente, desperdiçadas ou utilizadas sem proveito para os nossos Povos.

Na África Austral encontra-se uma das mais importantes concentrações de recursos naturais do Mundo.

Possuímos fabulosas reservas minerais. Possuímos extensos recursos de carvão, diamante, petróleo, gás, cobre, bauxite, crómio, urânio, tantalite, pegmatites e outros.

A riqueza energética constituída pelo carvão, o gás, o petróleo, junta-se um enorme potencial hidroeléctrico, essencial para o desenvolvimento da nossa base industrial.

Possuímos uma enorme e multifacetada potencialidade agrícola, ainda quase completamente desaproveitada. Terras férteis estendem-se por áreas de climas diversificados. Podemos desenvolver a cultura extensiva numa grande variedade de produtos desde a mandioca, o milho, o trigo, cana de açúcar, ao algodão, ao sisal, café e chá, desde as frutas tropicais às frutas de climas temperados.

Abundantemente irrigada, com extensos e ricos vales de grandes rios, a nossa zona tem todas as condições para ser um dos mais importantes celeiros da África, reunindo ainda excelentes características para a produção pecuária e vastos recursos florestais, onde abundam madeiras preciosas como umbila, jambilre, pau-rosa, pau-preto, sândalo. Os rios, os lagos e o litoral são ricos em peixe, camarão, lagostas e outros crustáceos.

Toda esta riqueza permanece ainda inerte ou é desperdiçada, como as águas dos rios que se perdem no mar sem gerarem energia ou irrigarem os campos. Toda esta riqueza potencial torna ainda mais dramático e incoerente o estado agudo de subdesenvolvimento a que a dominação colonial votou os nossos países.

Os efeitos da dominação colonial estão ainda presentes nos nossos países. Eles não ficaram restritos ao longo período histórico durante o qual os nossos países foram colonizados. A dominação deixou os nossos países sem economia própria, umbilicalmente ligados às antigas metrópoles coloniais. A ideologia do colonialismo gerou a mentalidade de dependência, o espírito fatalista, a aceitação passiva da miséria, a convicção da incapacidade de transformar a realidade.

A luta contra o subdesenvolvimento é, primeiro que tudo, a luta pela descolonização mental, a rejeição do paternalismo, a aquisição do conhecimento da importância dos nossos recursos e da consciência da nossa força e capacidade.

Andamos subnutridos, sofremos os efeitos das secas e das inundações quando possuímos terras férteis e abundantes recursos de água.

Andamos nus, quando produzimos e exportamos todas as matérias-primas grandes complexos da indústria têxtil.

Os nossos povos são laboriosos, deram provas evidentes da sua capacidade de trabalho nas condições mais difíceis. O analfabetismo, a falta de quadros técnicos, são as limitações mais graves ao desenvolvimento da produtividade nos nossos países.

A exploração e a pilhagem colonial a que fomos submetidos provocaram graves deformações e distorções na economia dos nossos países.

Elas exprimem-se no facto de as nossas economias se caracterizarem por rendimentos per capita reais que se situam entre os mais baixos do mundo, apesar das riquezas imensas que os nossos países possuem.

As economias dos países da África Austral foram concebidas e organizadas em função da África do Sul.

A África do Sul foi transformada no polo de atracção da zona. Para ela confluem as redes de estradas e ferroviárias. Para ela eram canalizados os excedentes de mão-de-obra dos países da região, pagos a preços irrisórios e submetidos a um regime desumano e racista. A África do Sul tornou-se no centro fornecedor de matérias-primas, de equipamento e de servi-

ços para as indústrias subordinadas existentes na região.

Por este processo, cujo início remonta à organização do sistema de exploração colonial nos fins do século passado, os nossos países foram subordinados à África do Sul e economicamente acorrentados às masmorras do apartheid. Esta dependência constitui uma condicionante fundamental da situação de subdesenvolvimento em que os nossos países se encontram.

A luta que travamos pela redução da dependência, em particular em relação à África, integrante e essencial da luta pelo direito dos nossos Povos ao desenvolvimento que lhes permita usufruir dos frutos do seu trabalho.

Por outro lado, a dependência dos nossos países em relação à África do Sul foi concebida como um instrumento para o fortalecimento e da defesa do regime do apartheid, condenado por toda a comunidade internacional.

A luta pela real independência económica dos nove países não é um processo fechado. Ela insere-se na luta geral da humanidade pela libertação política, pela emancipação económica e social dos Povos. Consolidar a independência dos países livres da região, significa enfraquecer o regime racista e criar as condições para que os povos ainda dominados possam participar plenamente neste nosso grandioso projecto.

Logo que a Namíbia seja independente e o apartheid seja liquidado na África do Sul, estes países poderão com pleno direito beneficiar das vantagens de cooperação regional que estamos a estabelecer.

A luta pelo aproveitamento dos recursos naturais da nossa zona em benefício dos nossos povos não é dirigida contra qualquer país ou grupo de países. Ela não entra em conflito com qualquer das demais instituições regionais e inter-regionais existentes. O subdesenvolvimento em que se encontra a África Austral é o inimigo comum.

Para o nosso desenvolvimento devemos contar, em primeiro lugar, com as nossas próprias capacidades e experiência. É indispensável, para isso, fazermos a inventariação da capacidade e experiência de cada um dos nossos nove países em todos os sectores de actividade, para podermos beneficiar delas na nossa cooperação.

Contamos com a participação de todos os países e organizações, na base duma cooperação mutua-

mente vantajosa, assente na não ingerência e no respeito pelo direito de cada povo ao seu desenvolvimento independente.

Nesta marcha para a elevação do nível de vida dos nossos povos queremos a tecnologia moderna, a tecnologia do século XX, a tecnologia enriquecida pelos avanços da ciência na época em que vivemos. Queremos formar técnicos altamente qualificados e competentes.

Queremos assim, promover uma sã e real cooperação que possibilite o crescimento acelerado e estável das nossas economias.

Senhor Presidente, Senhores Delegados,

A dimensão das tarefas que nos propomos para atingirmos o progresso, a auto-suficiência e o desenvolvimento desta zona da humanidade, constitui um desafio que os nossos povos estão decididos a vencer. Ele exprime-se na vastidão dos programas que pretendemos desenvolver, no esforço que envidamos para fazermos da complementariedade das nossas

comunicações da África Austral reflecte a importância que atribuímos à coordenação dos sistemas de transportes e comunicações, indispensável ao aproveitamento racional das infra-estruturas existentes e à implementação de novos projectos.

No espírito de cooperação económica e entreadua que caracteriza a acção dos nove países da zona, julgamos que os países do litoral devem assumir a responsabilidade de criar condições necessárias para que os seus portos possam servir de plataforma de escoamento dos produtos de e para o hinterland.

É necessário, pois, que a capacidade das infra-estruturas existentes seja aumentada e que outras sejam criadas para que possam corresponder ao nível de desenvolvimento económico e comercial que se prevê.

A questão dos quadros é uma questão fundamental para o desenvolvimento dos nossos países. Impõe-se, por isso, a realização de vastos programas de formação de quadros essenciais à mate-

(Continua na pág. seguinte)



Um aspecto do momento em que o Presidente Samora Machel pronunciava, ontem, o discurso de abertura da Segunda Conferência para a Coordenação do Desenvolvimento da África Austral

mente vantajosa, assente na não ingerência e no respeito pelo direito de cada povo ao seu desenvolvimento independente.

Nesta marcha para a elevação do nível de vida dos nossos povos queremos a tecnologia moderna, a tecnologia do século XX, a tecnologia enriquecida pelos avanços da ciência na época em que vivemos. Queremos formar técnicos altamente qualificados e competentes.

Queremos assim, promover uma sã e real cooperação que possibilite o crescimento acelerado e estável das nossas economias.

Senhor Presidente, Senhores Delegados,

A dimensão das tarefas que nos propomos para atingirmos o progresso, a auto-suficiência e o desenvolvimento desta zona da humanidade, constitui um desafio que os nossos povos estão decididos a vencer. Ele exprime-se na vastidão dos programas que pretendemos desenvolver, no esforço que envidamos para fazermos da complementariedade das nossas

comunicações da África Austral reflecte a importância que atribuímos à coordenação dos sistemas de transportes e comunicações, indispensável ao aproveitamento racional das infra-estruturas existentes e à implementação de novos projectos.

No espírito de cooperação económica e entreadua que caracteriza a acção dos nove países da zona, julgamos que os países do litoral devem assumir a responsabilidade de criar condições necessárias para que os seus portos possam servir de plataforma de escoamento dos produtos de e para o hinterland.

É necessário, pois, que a capacidade das infra-estruturas existentes seja aumentada e que outras sejam criadas para que possam corresponder ao nível de desenvolvimento económico e comercial que se prevê.

A questão dos quadros é uma questão fundamental para o desenvolvimento dos nossos países.

Impõe-se, por isso, a realização de vastos programas de formação de quadros essenciais à mate-

Inimigo da África Austral é o subdesenvolvimento

(Continuado da pág. anterior)

rialização e à continuidade de todos os nossos projectos.

Senhor Presidente,

Encontramo-nos reunidos nesta Conferência, porque o desenvolvimento da África Austral beneficia a economia mundial. O desenvolvimento económico dos países da África Austral é uma contribuição para o desenvolvimento da humanidade.

O aumento da extracção do crómio ou do carvão na nossa região interessa também aos países mais avançados. A produção do urânio, do alumínio, do petróleo, do gás, do açúcar, de fruta, do algodão e produtos alimentares, interessa a todos os países.

É na complementaridade das nossas acções, conjugando os recursos naturais que possuímos, com os meios tecnológicos e financeiros necessários, que criaremos uma base de cooperação sólida, frutuosa e rentável.

No quadro da complementaridade económica dos países desta zona, queremos desenvolver a indústria, criar a indústria de base, mecanizar a agricultura. Não pretendemos ser apenas os eternos fornecedores de matéria-prima.

Queremos promover o desenvolvimento das relações económicas e comerciais, no contexto da cooperação bilateral ou multilateral. Estamos em condições de avançar em projectos viáveis, a partir dos quais obteremos benefícios mútuos.

O avanço da área económica dos Nove Países,

livres da região criará condições de mercado mais favoráveis ao investimento numa escala economicamente mais atractiva.

A área económica a que nos referimos não é fechada. Hoje somos nove. Amanhã, certamente, mais países participarão. Assim, contribuiremos para a cooperação à escala do continente.

Trata-se de uma experiência que envolvendo Países com níveis de desenvolvimento desigual, e países de sistemas sociais diferentes procura estabelecer a plataforma de cooperação vantajosa para todas as partes intervenientes.

Senhor Presidente,

Para a República Popular de Moçambique esta Conferência tem um significado importante.

A República Popular de Moçambique é um país que edifica o socialismo, tendo de vencer o subdesenvolvimento legado por séculos de exploração colonial e agravado por dez anos de guerra colonial. O nosso processo de reconstrução nacional foi atrasado pelas destruições provocadas por cinco anos de agressão racista contra o nosso País.

Submetido à ocupação, oprimido, massacrado e agredido, o nosso Povo resistiu e lutou heroicamente para conquistar a liberdade e a independência e cumprir o seu dever internacionalista. Porque fomos forçados a viver longa e duramente a guerra sabemos valorizar a paz.

Hoje, após a independência do Zimbabwe, o nosso Povo vive, pela primeira vez, uma situação de paz relativa, que nos permite concentrar os nossos

esforços no combate à fome, à nudez, ao analfabetismo, em suma, ao subdesenvolvimento que estamos determinados a vencer na presente década.

Valorizamos esta Conferência, valorizamos a cooperação que visa construir, porque ela manifesta o desejo de todos os nossos países edificarem o progresso, criarem bases para um esforço comum e mutuamente vantajoso na luta pelo desenvolvimento económico e social.

Entendemos a cooperação numa base de igualdade de interesses e de vantagens recíprocas. Por isso, não identificamos cooperação com ajuda.

Estamos preparados para iniciar e desenvolver acções concretas de cooperação nos diversos domínios com todos os países e organizações que respeitem a nossa soberania e independência, o nosso direito de decidirmos do nosso próprio futuro.

Os programas que serão analisados por esta Conferência são audaciosos, são programas que visam romper com o subdesenvolvimento na África Austral.

Os nossos povos estão determinados a vencer todas as dificuldades, todos os obstáculos que se levantam à materialização das suas legítimas aspirações à paz e ao progresso. Estão determinados a avançar no caminho da cooperação e do desenvolvimento.

Temos esperança de que esta Conferência constitua um passo significativo e novo no processo de transformação das relações económicas internacionais.

Pensamos que ela pode demonstrar a viabilidade

da criação de mecanismos concretos de cooperação numa base de igualdade e benefícios mútuos entre países e organizações internacionais, independentemente dos seus sistemas políticos e económicos e do seu estágio de desenvolvimento.

Façamos da nossa Conferência um passo importante para o sucesso do esforço conjugado das nossas capacidades e potencialidades. Tornemo-la uma clara demonstração dos nossos justos objectivos e dum engajamento comum na construção duma cooperação exemplar, rica de soluções imaginativas e eficazes, em benefício de todos os povos. Saibamos aqui identificar a fome, a nudez, a doença, a miséria, a ignorância como o exército inimigo e traçar a estratégia comum para o derrotar.

Nesta zona, onde a exploração foi mais cruel, onde a dominação assumiu maior brutalidade, onde o racismo teima ainda em sobreviver, é grande a responsabilidade de todos nós em construirmos as bases sólidas dum futuro de liberdade, de progresso, de justiça social e de paz, um futuro de bem-estar para os nossos Povos.

Esta Conferência deve constituir, pois, uma contribuição positiva para o esforço mais geral na criação duma nova ordem económica internacional justa e equitativa.

É neste espírito que renovamos as boas-vindas a todos os delegados e desejamos bom trabalho e os maiores sucessos à 2.ª Conferência da Cooperação dos Países da África Austral.

**A LUTA CONTINUA!
MUITO OBRIGADO**